



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 10 – Nº 22 – Julho a Dezembro 2015

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO

Autores:

Samara Marina Menin Banaletti¹

Jarbas Dametto²

¹ Pedagoga, graduada pela Universidade de Passo Fundo, Campus Carazinho. E-mail: samarambanaletti@hotmail.com

² Psicólogo, mestre e doutorando em Educação. Professor da Universidade de Passo Fundo. E-mail: jarbas@upf.br

INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO

Resumo: O presente artigo buscou realizar reflexões acerca da temática indisciplina no contexto escolar, evidenciando-a como um dos maiores impasses do trabalho pedagógico atual. Realizou-se um estudo teórico e reflexivo sobre o tema, buscando apontar os motivos, consequências e formas de minimizar o problema da indisciplina nas escolas, compreendendo pois, que as transformações sociais, políticas e culturais a influenciam significativamente. Este estudo aponta a indisciplina como sendo um tema complexo, que abrange todos os envolvidos no processo escolar, sendo o professor, através de sua prática, o principal agente na busca da disciplina, a qual, frente ao enquadre social e cultural contemporâneo, que insinua a falência de dispositivos disciplinares tradicionais, só se faz possível através da motivação e do efetivo envolvimento do aluno.

Palavras-chave: Indisciplina escolar. Disciplinamento. Práticas pedagógicas. Educação.

SCHOOL INDISCIPLINE: CAUSES, CONSEQUENCES AND PERSPECTIVES OF INTERVENTION

Abstract: This paper aims to carry out reflections on the theme of indiscipline in the school context, highlighting it as one of the greatest dilemmas of current pedagogical work. We conducted a theoretical and reflexive study on the topic, seeking to identify the reasons, consequences and ways to minimize the problem of indiscipline in the schools, comprising therefore that social, political and cultural transformations cause significant influence. The overall study points the indiscipline as a complex issue that encompasses everyone involved in the school process, with the teacher, through their practice, the main agent in search of discipline, whichfront to contemporary social and cultural setting that insinuates failure of traditional disciplinary devices, only made possible through the effective motivation and student engagement.

Keywords: School indiscipline. Disciplining. Pedagogical practices. Education.

Introdução

Ao observar e analisar o dia-a-dia da maioria das escolas de nosso país e ouvindo relatos de muitos profissionais de ensino, claramente evidencia-se que a educação vem atravessando por um período de crise. As instituições escolares enfrentam múltiplos problemas preocupantes, dentre eles, a indisciplina dos alunos. Pode-se identificar que a mesma é um dos grandes desafios a serem enfrentados pelos professores, que em diversas circunstâncias, não sabem como atuar perante essa questão que abrange a todos os envolvidos no processo educativo e que causa inúmeros prejuízos para o processo de escolarização.

Neste sentido, o presente artigo pretende através da pesquisa e reflexão bibliográfica, conceituar o termo disciplina, tendo como autor de referência o filósofo Michel Foucault, identificando as causas da indisciplina e seu significado frente às transformações ocorridas ao longo do tempo, tendo em mente que a educação está imbricada com outros fatores, como a globalização, a tecnologia, as transformações políticas e cotidianas, a formação dos

professores, enfim, as experiências sociais em geral, sempre dinâmicas e mutáveis. Bem como se buscou apontar algumas alternativas teóricas e práticas que possam orientar os docentes a enfrentar este problema que tanto interfere em sua prática educativa.

1 O que pode ser entendido como disciplina?

A educação é indispensável para a formação dos sujeitos, é através dela que são adquiridos conhecimentos, habilidades e saberes específicos e indispensáveis para vivermos e convivermos em sociedade. Aprendemos a ser sujeitos portadores de valores, carregados de concepções acerca do mundo e da cultura que nos cerca. Também é através da educação que adquire-se conhecimentos científicos que fazem com que o homem possa a cada dia produzir bens, criar novos instrumentos e novas tecnologias. Sabe-se que hoje o mercado de trabalho exige cada vez mais pessoas capacitadas e qualificadas para exercer as mais variadas funções, e para isso é indispensável que o homem possua uma formação escolar.

Esta formação está ligada a vários fatores, dentre eles o disciplinamento dos sujeitos envolvidos no processo. Neste sentido, faz-se necessário refletir sobre a temática *disciplina*, compreendendo seu significado e os efeitos que a adesão ou a resistência a esta pelos educandos pode gerar nas relações que ocorrem na instituição Escola, bem como no processo de ensino-aprendizagem.

Fazendo um estudo sobre a disciplina, abordada pelo filósofo Michel Foucault (1926-1984), pode-se considerar que o termo disciplina designa algo complexo e que está diretamente ligado com o exercício do poder. Poder este conceituado por Foucault de uma forma peculiar:

O poder deve ser analisado como algo que circula, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer com sua ação: nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2002, p.83).

Neste sentido, o poder designado por Foucault não é um poder constituído de dominação de uns sobre os outros. O poder permeia todas as relações humanas e se situa também no prazer, nos discurso, nas artes, no saber. É uma prática social construída historicamente por meio das relações sociais estabelecidas entre as pessoas e instituições.

Foucault ao conceituar o poder, o relaciona com a disciplina presente na organização da formação dos sujeitos na Modernidade. Para ele, a disciplina divide (individualiza), cronometra, adentra os movimentos, tornando os corpos “dóceis”, produtivos, eficientes. Sendo que a escola e a Pedagogia são instituição e ciência que servem a este propósito, atuando em conjunto com outras construções institucionais e científicas da sociedade, como a indústria, as instituições militares, o sistema jurídico e as ciências acerca do homem (FOUCAULT, 1987).

A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam a muito tempo, na idade Média e mesmo na Antiguidade. (...) Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens (...) [um modo de] controlar suas multiplicidades, utilizá-las no máximo e majorar o efeito útil de seu trabalho e sua atividade, graças a um sistema de poder suscetível de controlá-los. (FOUCAULT, 2002, p.105).

A inserção da Escola neste processo se dá através da distribuição espacial dos alunos para a possibilidade de um ensino de massa. Individualiza-se o sujeito no espaço físico das salas de aula e padronizam-se os objetivos a serem alcançados. Busca-se não somente o controle sobre o resultado final, mas também o modo como obtê-lo. De forma semelhante a outras instituições estruturadas na mesma época, o disciplinamento escolar, assim como os demais, focalizou-se no *gesto*, logo, no corpo, em busca da ação mais produtiva, controlada sistematicamente pela racionalização do tempo, pelo olhar do superior e por exames periódicos. (FOUCAULT, 2002).

Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 1987, p. 125).

Através desta descoberta, o que antes era considerado um talento ou uma vocação dos sujeitos, a partir do século XVII passou a ser algo construído através do disciplinamento, da correção da postura, dos novos hábitos. Visando assim aumentar e modelar as habilidades do homem, o tornando mais obediente, mais útil, o aperfeiçoando e o modelando (FOUCAULT, 1987). No meio educacional esta concepção também se faz presente. A escola tem o intento de operar este poder de transformar, de modelar os sujeitos a fim de aprimorar as suas capacidades e educa-los conforme as regras e necessidades de que a sociedade exige e necessita.

Mas, neste sentido, nem todos os “assujeitados” possuem uma posição de passividade, já que do poder todos podem participar. Isto é, na prática pedagógica os alunos podem aderir ou resistir diante de determinadas situações. No que se refere à resistência dos educandos, o comportamento que mais se evidencia é a *indisciplina*. Definida por um comportamento desordenado, contraponto direto do modelo engendrado pelo poder disciplinar, mas esta não é a única forma de burlar a ação disciplinadora, soma-se à indisciplina uma série de mecanismos como: a “cola”, a simulação, o vandalismo, o arremedo, dentre outros atos de contestação (DAMETTO; ESQUINSANI, 2009). Esta resistência, ampla e cada vez mais comum, é que se problematiza nas palavras abaixo, relacionando-a com as transformações sociais e culturais da contemporaneidade.

2 Mudanças sociais e a crise do modelo disciplinar:

Ao refletir sobre as mudanças que aconteceram na instituição Escola, pode-se constatar evidentemente que estas vêm acompanhadas de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. A escola, assim como a sociedade, sofreu mudanças quanto a sua legislação, seus valores, sua cultura. As mudanças no mundo do trabalho e na gestão política, em grande medida inseridas naquilo que se pensa como “globalização”, originou novas formas de pensar e fazer a educação, tendo em vista a constituição de um novo sujeito. Justo (2010), enfatiza que:

Quando olhamos para o cenário mais geral do funcionamento da sociedade contemporânea e focamos o perfil das instituições existentes ou daquelas novas que estão nascendo, verificamos que a escola, na verdade, está no epicentro de uma crise institucional provocada por uma mudança profunda na lógica do capitalismo atual e da cultura que o acompanha [...]. Aquele capitalismo que antes precisava de produção fabril, da acumulação e concentração tanto das riquezas materiais como da própria mão de obra, confinando e concentrando as pessoas, no cenário atual estaria com outras necessidades, tais como a intensificação do ciclo de produção e de consumo, a expansão da circulação do capital exigindo o alargamento de fronteiras geográficas e psicossociais, o aumento da velocidade e a movimentação cada vez maior de mercadorias, de capital, de subjetividades, de mão de obra e assim por diante. Tais necessidades da economia capitalista atual estariam produzindo uma outra lógica de organização e funcionamento da sociedade: não se trataria mais de confinar o sujeito em espaços fechados, mas de colocá-lo em espaços abertos.(p.29).

Ainda segundo Justo, no passado, as instituições escolares tinham como missão básica reunir e confinar os indivíduos em espaços geográficos e psicossociais para serem submetidos àquilo que o capitalismo exigia deles. Foucault (2002) enfatiza ainda, que tais instituições possuíam, no auge da modernidade, a função de “Disciplinar os corpos”, modelar o corpo e a mente para as demandas do capitalismo que então se erigia.

Por esta razão, o docente no processo de ensino-aprendizagem, era considerado o portador e transmissor de conhecimento, e os alunos meros receptores, ouvintes e passivos. O professor possuía uma posição superior aos seus alunos, a própria organização do espaço da sala de aula dava lugar de destaque ao professor, colocando-o a frente, dando-lhe a palavra cuja pronúncia silenciava os demais. Esta posição, embora pareça favorável como uma espécie de “vantagem tática”, acabou por gerar uma propensão ao confronto e à resistência dos alunos (DAMETTO; ESQUINSANI, 2009).

Neste sentido Pimenta (2012) sustenta que:

[...] o contexto histórico da época era diferente da atual, a escola era para poucos, escola elitista, regime militar, onde só permanecia quem se adaptasse à ela. Escolas extremamente militarizadas no seu funcionamento diário, tendo como metodologia as ameaças e os castigos, assim era obtido o chamado respeito que tanto é desejado hoje. A escola não era obrigatória e se uma criança não estudasse não fazia diferença para a sociedade. (p.26).

Como os autores acima referem, o professor possuía um certo *status*, era considerado superior aos seus alunos, tinha em seu ofício o poder de castigar os que não cumprissem as regras. Sua metodologia era rigorosa, com exercícios repetitivos e provas. Os sujeitos não cumprissem as regras recebiam castigos por parte do professor e por parte dos pais também, já que os mesmos davam total apoio ao trabalho do professor. As salas de aula eram idealizadas como espaços silenciosos, e a impressão que se tinha era de que todos os alunos aprendiam da mesma forma e do mesmo ritmo sem apresentar dificuldades. Neste período nem todas as crianças tinham acesso à escola, a mesma era para as pessoas que possuíam maior poder aquisitivo e propensão a adaptar-se a contextos assim estruturados.

Estes fatores contribuíam para que a disciplina vigorasse no meio escolar, os alunos não possuíam voz ativa, não contestavam o que lhes era imposto pelo professor, afinal não tinham liberdade para isso, frente a qualquer atitude indesejada o professor imediatamente aplicava os castigos necessários, por vezes físicos. Tal realidade não deixava de ser reflexo do contexto social amplo, que seguia parâmetros correlatos.

Mas, ao longo da história, fatores foram influenciando as relações de poder do professor para com os alunos, influenciando assim também a disciplina na escola. Há os que alegam que a autoridade e o controle exagerado do professor de tempos atrás, foram substituídos por certa liberdade excessiva entre os educandos, dando a disciplina uma importância secundária.

Um destes fatores dá-se partir de 1988, quando a Constituição Federal brasileira tornou universal o acesso ao Ensino Fundamental, surgindo assim a escola democrática. A partir de então, todas as crianças possuíram o direito e também o dever de frequentar as escolas, então afirmou-se: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p.38).

Há de se considerar que este fator contribuiu para a ocorrência de atos indisciplinados na escola, já que muitas crianças foram obrigadas por lei a estudar, sendo em muitos casos, contra sua vontade e sem o amparo familiar. E algum tempo depois, os pais passaram a receber também incentivos financeiros do governo, o que fez com que além da lei, os pais também obrigassem seus filhos a frequentar a escola.

Para fazer valer a lei o governo liberou um incentivo, que é o programa *bolsa família*, cuja condição para recebê-la é que a criança deve apresentar uma frequência positiva, sendo de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), o acompanhamento da frequência das crianças. Ou seja, muitas crianças permanecem na escola devido a tal incentivo, sem a devida preocupação, por parte de alguns pais, com a educação de seus filhos, as prioridades são em relação ao incentivo. (PIMENTA, 2012, p.21).

Outro fator que contribuiu imensamente para a indisciplina é o fato de os pais passarem menos tempo com os filhos. “[...] por várias questões e, principalmente, as econômicas a ‘dona de casa’ foi obrigada a ir para o mercado de trabalho, ocasionando uma ‘fenda’ no tempo para com os filhos, não permitindo o acompanhamento mais de perto do desenvolvimento em relação a questões de valores para as crianças. Instala-se uma verdadeira crise de autoridade na educação.” (PIMENTA, 2012, p.19).

Frente a realidade familiar, observa-se ainda que “[...] de fato, percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola.” (VASCONCELLOS, 2004, p.26). Desde muito pequenas, as crianças passam o dia todo em creches ou com babás. Os pais ao chegarem exaustos do trabalho, pensam apenas em descansar e colocar as crianças para dormir. Não se dedicam mais a vida escolar dos filhos, em saber como estão na escola, a não ser que sejam chamados para conversar. Por passarem pouco tempo com as crianças, muitos pais não colocam limites nos filhos, não sabem dizer “não”, por consequência, as crianças

chegam às escolas cada vez mais carentes, agressivas, sem saberem ouvir, esperar, respeitar o outro e as regras que são impostas.

Ainda, segundo Rego, “a família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que influenciam o comportamento da criança na escola.” (1996, p.97). Neste sentido, o autor defende a ideia de que é na família que acontecem as primeiras noções de disciplina, de ordem e de socialização. A família exerce enorme influência sobre as atitudes e os comportamentos que as crianças apresentam na escola.

Esta questão abriga outro problema, a responsabilidade “ampliada” do professor, que hoje passou a realizar tarefas que não são de sua profissão, sendo por vezes, solicitado a dar conta de funções tradicionalmente atribuídas aos pais. Neste sentido pontua Boarini:

Entender que o professor não faz da escola uma extensão do lar é outro ponto que merece revisão. São funções diferentes. O professor é preparado e especializado ao longo de um período para compartilhar com o aluno a produção e sistematização do conhecimento. É o que denominamos de profissionalização, que deve ser exercida em sintonia com as políticas públicas de educação. Até nossos dias não consta que, para exercer a função materna e paterna, obrigatoriamente os interessados devem passar por aprovação em cursos especializados para esse fim. Cada pai/mãe educa seus filhos a sua maneira. Ainda que eventualmente o professor, sobretudo das séries iniciais, tenha que atender algum imprevisto estranho a sua formação, isso não o faz necessariamente substituto da função paterna/materna ou das funções parentais. São atribuições diferentes, embora devam caminhar para uma mesma direção. (2013, p.125).

Supõe-se que outro fator que vem contribuindo para a indisciplina é que a maioria das escolas, principalmente as públicas, não adentraram para a era digital. Entrar na era digital é reconhecer que vivemos em um mundo cada vez mais globalizado e informatizado e, de uma forma ou outra, o pensamento contemporâneo já vem sendo produzido com os recursos das novas tecnologias. Isso significa que a escola não pode se distanciar desta nova situação. Utilizar a informática é “falar a mesma língua” dos estudantes. Isto não quer dizer que se deva condenar à extinção a instituição escolar e o professor em seu papel tradicional, mas destacar a necessidade de a escola acompanhar o seu tempo histórico. (BOARINI, 2013). O grande problema que se evidencia na maioria das escolas é que mesmo com todas estas mudanças ocorridas na instituição e nos membros que a compõem, ainda há docentes que seguem tão somente a linha tradicional de ensino,

(...) ainda se mantém a didática que considera o professor como o único detentor do saber em sala de aula. O aluno deve manter-se, horas a fio, calado e atento. O professor vai se habituando a trabalhar com os “limites do não pode”, ao invés de privilegiar os “limites da possibilidade”, não levando em conta que o objetivo do trabalho pedagógico é “suprimir a figura do aluno enquanto aluno, isto é, o trabalho pedagógico se efetua para fazer com que a figura do estudante desapareça” (CHAUI, apud BOARINI, 2013, p.128).

Muitos professores ainda possuem o pensamento de que somente ele possui conhecimentos, e por isso os alunos devem fazer tudo o que o professor exigir. Há professores que em sua prática pedagógica ainda objetivam manter os alunos praticamente todo o período da aula calados, sem poder conversar com os colegas ou expressar-se em suas inquietações, somente ouvindo o mestre. Porém, vivemos hoje em uma sociedade que não necessita mais de um sujeito reto, parado, controlado, assentado em um determinado lugar, apegado a determinadas relações sociais e afetiva, estável, previsível... Mas sim, de um sujeito flexível, criativo, múltiplo e ágil, que alargue ao máximo possível suas possibilidades afetivas, cognitivas e executivas. (JUSTO, 2010).

A educação é que está prestigiada, assumindo funções e responsabilidades cada vez maiores, tornando-se a grande instituição social; porém, [...] ela não consegue dar conta das demandas da contemporaneidade e nem possui os instrumentos necessários para isso. Ela acolhe as subjetividades deste tempo e possui uma estrutura organizacional de outro tempo bem distinto. (JUSTO, 2010, p. 42).

É evidente que os alunos não possuem mais uma posição de suposta inferioridade diante do professor, o discente é ativo, tem direito e desejo de expressão, de participar ativamente da formulação das regras e normas escolares. Mas, muitas instituições ainda organizam seu ensino de maneira tradicional, com práticas pedagógicas defasadas que não correspondem às novas demandas educacionais exigidas neste tempo histórico, sofrendo com isso, de uma atemporalidade estrutural, que ataca, sobretudo, sua dinâmica disciplinar que foi, outrora, o modelo de gestão de poder predominante na sociedade.

3 Consequências pedagógicas

Considera-se a disciplina como um fator imprescindível para a realização de qualquer atividade, seja ela individual ou em grupo. Ainda se concebe como uma verdade, que diversas atividades exigem ordem para chegar a um bom termo. (BOARINI, 2013) Neste sentido é importante realizar aqui reflexões acerca das consequências que a falta de disciplina causa no ambiente escolar e principalmente no processo de ensino-aprendizagem. Não somente o aluno

indisciplinado sofre perdas, mas também os colegas, professores e todos os integrantes da escola.

Apesar do tempo em que se perde em sala de aula com a indisciplina escolar e o quanto que isto tem perturbado os educadores no sentido do desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, pela perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva sentimentos de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão. (OLIVEIRA, 2009, p.4505).

Atos indisciplinares sem dúvida geram inúmeras consequências em todo o contexto escolar, dentre estas, destaca-se a perda de tempo. Há professores que perdem muito tempo de sua aula tentando acomodar seus alunos, conseguindo a atenção desejada para explicar o conteúdo e realizar as atividades. Tempo este que poderia ser utilizado para o desenvolvimento de conteúdos e aprendizagens. Além disso, quando um grupo de alunos não está colaborando, sem dúvida o restante da turma também acaba por sofrer com isso. Enquanto uns acatam a disciplina e outros resistem a ela, o professor fica em meio a esta situação e seu trabalho acaba não sendo eficaz.

Como refere Oliveira, a indisciplina é um dos fatores que tem gerado mais desgaste na rotina do professor, atos indisciplinares comprometem o seu estado emocional, gerando sentimentos de frustração, tensão, desânimo e baixa autoestima. Há professores que depois de um dia de trabalho pensam em desistir de sua profissão devido a esta situação, sofrendo em uma dimensão física, psíquica e moral (PIMENTA, 2012).

Muitos professores, ao se depararem com atos indisciplinares cotidianamente em sala de aula, possuem grande dificuldade de enfrentar esta situação e acabam por desanimar, pensando que este problema não pode mais ser controlado. Denominam a indisciplina como algo histórico, que sempre existiu e que sempre vai existir, acomodam e se conformam com a situação, não possuem expectativa de melhora. (VASCONCELLOS, 2004). No entanto, cabe considerar:

Sozinho o professor não deveria se sentir, pois existe na instituição escolar um grupo de pessoas cuja função é a de dar apoio ao professor diante das dificuldades encontradas dentro das instituições escolares. Quando o professor entra em sala, não está entrando sozinho; com ele entram seus colegas, os funcionários, as regras determinadas pela escola, enfim, toda a instituição que naquele momento ele passa a representar. (PIMENTA, 2004, p.24).

O que Pimenta (2004) nos propõe, é que o professor se sente abandonado nesta luta, mas na verdade, existem os outros profissionais que atuam junto à escola, que possuem o

dever de auxiliar o docente. O problema da indisciplina, antes de ser algo pessoal relativo ao professor, é uma questão institucional, e assim precisa ser trabalhada.

Com esta breve revisão, constata-se aquilo que a prática não cansa de demonstrar: o quanto a indisciplina no contexto escolar prejudica os indivíduos envolvidos no processo, a mesma gera problemas sérios não somente aos alunos, como também aos professores e todos os envolvidos. Necessita-se urgentemente encontrar mecanismos que auxiliem na resolução deste empecilho na escola, tendo em vista que a prática docente e o aprendizado estão sendo severamente prejudicados.

4 Haveria solução?

Segundo Vasconcelos (2004), a indisciplina pode ter suas causas encontradas em cinco grandes grupos: Sociedade, família, escola, professor e aluno. Mas, de fato, onde estaria o centro deste problema? No aluno? No professor? Na escola? Na família? Na sociedade? A disciplina, segundo o autor, é uma construção coletiva da *práxis* pedagógica que exige esforço, comprometimento e dedicação de todos os sujeitos envolvidos.

A disciplina ou indisciplina escolar é uma prerrogativa humana, um fenômeno complexo e incerto. [...] O comportamento indisciplinado pode ser um indício de insatisfações que estão sendo produzidas no âmbito da instituição escolar. A promoção ou o controle da indisciplina nos alunos não estão escritos na literatura pedagógica ou em qualquer outra, nem recebemos junto ao diploma de conclusão de curso, fórmulas para manter a disciplina ou evitar a indisciplina. A disciplina é um exercício que se faz necessário em qualquer situação, social ou não. No caso do ambiente escolar, a disciplina é um exercício diário que ocorre no cotidiano da sala de aula. Deve ser construída e administrada no dia a dia por todos os envolvidos na educação. Esse exercício não é um problema para nós educadores. Esse exercício é um compromisso e desafio e faz parte do nosso trabalho. (BOARINI, 2013, p.129).

A temática estudada apresenta-se como um desafio para todos os envolvidos no processo de ensino, contudo, recai de modo evidente sobre o professor, que é considerado hoje o principal responsável pela educação das crianças, tendo a incumbência maior de amenizar e solucionar questões relacionadas à indisciplina. O comportamento indisciplinado em sala de aula segundo Rego (1996) está associado à ineficiência da prática pedagógica, que engloba: propostas curriculares problemáticas, e metodologias que subestimam a capacidade do aluno, inadequação da organização do espaço e tempo para a realização das atividades, resultando na falta de incentivo à autonomia e às interações entre os alunos, pouco diálogo e

ameaças para obter o silêncio em sala de aula. Pensar uma nova prática em sala de aula é o primeiro passo para amenizar o problema em questão.

A motivação dos alunos, neste sentido, é apontada como um importante instrumento a ser utilizado pelos professores para influenciar positivamente o comportamento e a aprendizagem, principalmente nas escolas pautadas por princípios democráticos, que reconhecem, ao trabalhar os conteúdos e métodos, as características individuais dos alunos. Segundo Eccheli (2008), a provável causa da indisciplina observada nas escolas está relacionada à falta de motivação dos alunos, por serem obrigados a estar em uma sala de aula sem entender o porquê e o para quê daquela experiência, não compreendem a utilidade dos conteúdos estudados e a lógica dos processos educacionais.

A motivação segundo Nericí (apud ECHELÍ, 2008, p.75) é conceituada como “o processo que se desenvolve no interior do indivíduo e o impulsiona a agir, mental ou fisicamente, em função de algo. O indivíduo motivado encontra-se disposto a despende esforços para alcançar seus objetivos.”

Desta forma, Neri apud Eccheli (2008), defende que:

Conseguir que os alunos se sintam motivados para aprender é o primeiro passo para a prevenção da indisciplina, é um grande desafio para o professor e a escola. Os professores desejam alunos que saibam respeitar os seus colegas e que consigam se engajar em atividades que exijam concentração e esforço para aprender, porém isso não é sinônimo de aluno passivo e silencioso o tempo todo. O silêncio tão desejado em sala de aula, nem sempre é garantia de aprendizagem, pois o aluno aprende quando participa ativamente de uma atividade, executando alguma tarefa, ouvindo diferentes formas de percepção dos demais frente a um assunto e tendo a oportunidade de argumentar as suas ideias através de grupos de discussão ou debates. Essa participação ativa dos alunos nas atividades escolares é expressão de energia e entusiasmo, fruto de uma aprendizagem significativa. (p.201).

Esta nova concepção de disciplina, fundamentalmente diferente daquela que foi empreendida desde os primórdios da Modernidade, deve representar para o aluno vontade de saber, perseverança, movimento, força para enfrentar os obstáculos. E não mais a disciplina que exija silenciamento, obediência, resignação. Neste sentido, o professor em sua prática pedagógica deve superar a concepção tradicional de ensino, a disciplina deve ser um movimento organizado, estruturada em torno de determinadas ideias, conceitos e proposições formais, assumindo o aluno como sendo o ator essencial na construção do conhecimento (AQUINO, 1996).

Desta forma, no processo escolar há a necessidade de o professor desenvolver concomitantemente dois traços, então inerentes: disciplina e motivação. Se o professor realizar atividades que promovam a motivação, sem dúvida terá menos problemas de indisciplina, o aluno motivado dirige sua atenção e as suas ações para a realização das atividades e por consequência, resta menos tempo para o envolvimento do aluno em atividades que comprometam o trabalho desenvolvido e gerem indisciplina. Esta é uma tarefa complexa para o docente, que terá de ser capaz de perceber as dificuldades e necessidades dos alunos, englobando em seu planejamento atividades desafiadoras, além de realizar reflexões constantes sobre sua prática (ECCHELI, 2008).

Frente a este impasse, ensinar (e disciplinar) pessoas que não se propõe a sujeição empreendida pela Escola, cabe à instituição e ao professor buscar gerir de forma consciente o poder enquanto força que emerge nas relações, utilizando-se de instrumentos diferentes dos criados nos primórdios das instituições disciplinares, pois essas ainda conservavam em si a possibilidade de utilizar a violência como recurso reforçador de seu discurso. (DAMETTO; ESQUINSANI, 2009, p.9).

É necessário, portanto, que a escola, como instituição formadora essencial, assuma a sua responsabilidade, seja firme em suas regras, mas empreenda uma prática interessante que acolha e intensifique a participação discente. Os sujeitos que dela fazem parte, devem ter consciência de seu valor para a construção de sua experiência de vida, e também de suas exigências.

Alunos precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus pais ou professores. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. (LA TAILLE apud DOZENA, 2008, p. 117).

Estas regras devem ser construídas em conjunto, através do diálogo, o professor deve fazer juntamente com os alunos um levantamento das necessidades dos alunos, avaliar as regras já existentes, fixá-las em lugar visível a todos. Estas normas podem ser revistas, debatidas, avaliadas periodicamente, respeitando a caminhada, a realidade e o grau de maturidade de cada grupo de alunos. (VASCONCELLOS, 2004). Estas normas irão facilitar as relações que ocorrem dentro da escola e da sala de aula, uma vez que são construídas em conjunto, também devem ser observadas e seguidas por todos.

Há de se considerar que a escola, mesmo com tantos problemas, ainda possui valorização, é reconhecida como uma instituição imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, responsável pela formação dos sujeitos, pela construção da

cidadania, pelo desenvolvimento tecnológico e pela expansão da economia (JUSTO, 2010). Está sendo solicitado à escola cumprir as mais diferentes funções, sempre com a tarefa de educar e também de cuidar. Arcar com tantas funções exigidas é exaustivo, todavia, faz parte do trabalho do educador atual assumir tais responsabilidades, bem como buscar soluções, acreditando sempre na possibilidade de mudança.

Considerações finais

O presente artigo pretendeu promover reflexões acerca do tema indisciplina no contexto escolar, problemática presente na maioria das escolas de nosso país, causadora de muitos problemas, principalmente em sala de aula: nas relações entre professores e alunos e entre os próprios alunos, prejudicando gravemente a saúde física e mental dos professores, bem como o aprendizado dos educandos. A escola, como instituição formadora, tem grandes dificuldades de lidar com esta questão, sendo que muitos dos profissionais que nela atuam possuem visões, conceitos e soluções ultrapassados a respeito deste tema.

Ao longo do estudo bibliográfico realizado sobre este fenômeno pôde-se constatar de que a indisciplina é um problema que sofre inúmeras influências, oriundas tanto de fatores externos como internos à escola. É designada como resultante de mudanças ocorridas em toda a sociedade, desde a obrigatoriedade ao acesso à escola, mudanças de autoridade do professor, falta de inovações metodológicas e tecnológicas na escola, crise de valores na família, dentre outros.

O docente enquanto profissional atualizado para minimizar e/ou solucionar este grave problema de seu cotidiano, deve abandonar velhas práticas disciplinares, já descontextualizadas em relação ao social, e gerir modelos atuais de ensino considerando as características específicas dos sujeitos deste tempo histórico. Faz-se fundamental reconhecer o educando como um ser que possui conhecimentos, experiências e acima de tudo que possui voz ativa, que é exigente, que questiona, que duvida, e que tais características não são necessariamente um problema, antes, são atributos exigidos em diversas esferas da experiência social. Por fim, considera-se que um dos fenômenos que os professores poder explorar no que se refere ao enfrentamento deste problema, é utilizar a motivação como uma forma de assegurar a atenção e o bom desempenho dos alunos na escola, cabendo aí, ampliação de estudos para o desenvolvimento de estratégias motivacionais. Através da motivação os alunos irão sentir-se mais instigados e engajados na realização das tarefas, tornando assim o ensino e a aprendizagem experiências mais prazerosas aos alunos e também

aos professores, elevando o senso de pertencimento do educando em relação ao ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BERNARDELLI, Marília Alcântara. **A indisciplina na visão de Michel Foucault**. In: XIII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO NORTE PIONEIRO Jacarezinho. 2013. Anais...UEP- Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Ciências Humanas e da Educação e Centro de Letras e Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2013. ISSN – 18083579. p. 28-36.

BOARINI, Maria Lucia. **Indisciplina escolar: uma construção coletiva**. *Revista Semestral Da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. Maringá, v.17, n.1, Jan. – jun. 2013. p.123-131. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000100013>. Acesso em: 15 set. 2014.

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. (1988) Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP.

DAMETTO, J. ; ESQUINSANI, R. S. S. . A Escola como lócus de emergência das disparidades subjetivas: Poder, Saber e resistência na Educação Formal. In: SILVA, Jacqueline Silva da; LOPES, Maria Isabel. (Org.). **Disciplina: relações de poder na Escola**. Lageado-RS: Univates, 2009. p. 13-28.

ECCHELI, Simone D. **A motivação como prevenção da indisciplina**. *Educar em revista*. Curitiba, n. 32, p.199-213. 2008 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000200014&lang=pt. Acesso em: 10 set. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

JUSTO, José Sterza. Escola no epicentro da crise social. In: LA TAYLLE, Yves de. (Org.). **Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2010.p.23-54.

OLIVEIRA, Rosimary L.G. Reflexões sobre a indisciplina escolar a partir de sua diversidade conceitual. *Anais*. IX Congresso Nacional de Educação – Educere. PUCPR, 26 a 29 out. 2009. P.4503-4514. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3412_1708.pdf. Acesso em: 10 ago. 2014.

PIMENTA, Kedna Gomes, LOUZADA, Shênia Soraya Soares. **A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades**. Disponível em:

http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/a_indisciplina_na_percepcao_de_educadores_e_algumas_possibilidades.pdf. Acesso em: 06 set. 2014.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p.83-101.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In) Disciplina**: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad Editora, 2004.